

CADERNO DE RESUMOS DA COMUNICAÇÃO COORDENADA 2

Sessão: CC_02A	
Horário: 06/10/2016 das 14h00 às 16h30	
Local: Auditório 1 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 22)	
América Latina e educação: Saberes, inclusão e resistência	
Eixo temático: Direito e educação	
Participantes	Afiliação
Rômulo Monte Alto (Coordenador)	Universidade Federal de Minas Gerais
Professor Associado da Faculdade de Letras da UFMG. Coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos da DRI, UFMG. E-mail: romulomalto@uol.com.br	
Verônica Gomes Olegário Leite	Universidade Federal de Minas Gerais
Verônica Gomes Olegário Leite é doutoranda em Estudos Literários pelo POSLIT/ UFMG, área: Literaturas Modernas e Contemporâneas, linha de pesquisa: Literatura História e Memória Cultural. Mestre em Estudos Literários pelo POSLIT/ UFMG, área: Literaturas Modernas e Contemporâneas. Graduada em Letras com ênfase em Estudos Literários, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, conclusão 2013/2º. Graduada em Letras com ênfase em edição, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais 2012/2º. Atualmente desenvolve pesquisas acerca dos temas: Memória, Violência e suas representações nas artes.	
Luisa Fernanda Mejía Toro	Universidade Federal de Minas Gerais
Luisa Fernanda Mejía Toro, Colombiana, Doutoranda do programa Doutorado Latino-americano em Educação: Políticas Públicas e Profissão Docente da Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em licenciatura em Biología pela Universidade Distrital Francisco José de Caldas, Bogotá-Colômbia. Membro dos grupos de pesquisa: INOVAR-Brasil, em qualidade de estudante e do grupo de pesquisa: BER: Biología Enseñanza y Realidades- Colômbia. Experiência docente no ensino básico e médio, formação de professores, ensino formal e não formal. Pesquisadora nas áreas de ensino e aprendizagem das ciências, educação ambiental, políticas públicas e educação.	
Juliana de Fátima Souza	Universidade Federal de Minas Gerais
Juliana de Fátima Souza é mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Gestão da Responsabilidade Social e bacharel em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Membro do Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente (Gestrado/UFMG). Pesquisadora da área de políticas de educação superior, com ênfase nos estudos sobre redes de educação superior, internacionalização da educação superior, educação superior na América Latina, trabalho docente na América Latina.	
Luz Alba Ballén Sierra	Universidade Federal de Minas Gerais
Luz Alba Ballén Sierra, Colombiana, Mestre em Ciências Biológicas, microbiologia, Universidade Federal de Minas Gerais. Graduada em Bacteriologia e Laboratório Clínico pela Universidade Colegio Mayor de Cundinamarca, Bogotá-Colômbia. Membro empreendedor na equipe NANOBIOTEC apoiado pelo programa de apoio ao empreendedorismo BIOSTARTUP LAB. Professora auxiliar do curso de Formação Intercultural de Educadores Indígenas, FAE, UFMG.	
Resumo Geral	
Desde meados do século XX, verifica-se em todo o mundo uma forte expansão do acesso à educação, no sentido de universalizar a sua oferta pelo menos no nível básico e de forma progressiva ampliar o ingresso e permanência até o nível superior. Segundo o artigo 26 da Declaração Universal de Direitos Humanos(1948), a	

instrução não se restringiria ao desenvolvimento de competências e habilidades técnicas, devendo orientar-se no “sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a construção, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz”. Neste sentido, a presente mesa de comunicações busca discutir como o direito à educação tem se efetivado na América Latina nas últimas décadas, no que tange às formas e volume do acesso, aos conteúdos preponderantes e aos desafios, resistências e possibilidades postos para o desenvolvimento de uma educação democrática e emancipadora. As apresentações incluem um breve panorama da oferta da educação superior e do desenvolvimento da ciência e tecnologia na região, uma discussão sobre a de colonialidade do saber e a valorização da cultura latinoamericana, além de dois casos relacionados a essa temática – uma experiência dos povos indígenas com universidades peruanas e uma experiência de mobilidade e formação superior entre o Brasil e a Colômbia.

Resumo individual 1

Autora: Verônica Gomes Olegário Leite

A universalização da educação no Peru se deu a partir da segunda metade do século XX, entretanto, percebe-se que, no foco de se modernizar e se inserir no acelerado processo de globalização pelo qual os países da América Latina passavam nesse período, o Peru acabou menosprezando e deixando fora do processo de formação de suas escolas os debates acerca da inclusão dos peruanos indígenas e de suas mais diversas manifestações culturais e de sua consmvisão. Nesse processo, os próprios indígenas incorporaram o que Carlos Iván Degregori chamou de “mito do progresso”. Nesse sentido, essa comunicação visa refletir acerca dos processos de inclusão desses peruanos na educação pública oferecida pelo Estado e sobre os processos de diálogo entre a “Universidad Nacional de San Cristóbal de Huamanga”, em Ayacucho, e as comunidades andinas. Sabe-se que essa Universidade possui uma política de incluir em seus cursos de graduação os indígenas que moram na região e desenvolver com eles uma série de projetos que sejam produtivos tanto para a Universidade quanto para os moradores e que façam uma ponte entre as mitologias, ritos, artes e saberes andinos e os saberes ocidentais já enraizados na academia. Cabe aqui ainda refletir sobre os resultados dessas parcerias e sobre os possíveis problemas, imposições e resistências que elas geram.

Resumo individual 2

Autora: Luisa Fernanda Mejía Toro

El aprendizaje en el hombre implica hacerse consiente, libre, determinado, pues la especie humana es curiosa, es creativa, “capaz de interactuar con el mundo y de intervenir técnica, ética, estética, científica y políticamente” (Freire, 1993 p. 16). Sin embargo, durante muchos años, la educación escolar, estrategia que aportaría en este proceso cultural, se ha encargado de simplificar el aprendizaje, convirtiéndolo, en algunos casos, en un simple adiestramiento para garantizar la reproducción de una cultura ya impuesta, lejana, en la que el estudiante se convierte en parte de una gran maquinaria lo que permite reforzar y mantener un proyecto colonial como patrón de dominación social (Quijano, 2000). En medio de este contexto ha surgido desde el sur y para el mundo, movimientos de resistencia que desde la educación, la interculturalidad y la crítica plantean “otras formas” “otras pedagogías”, construidas desde el dialogo de saberes y el contexto como mecanismos para transformar este sistema. Uno de estos movimientos es el proyecto De-colonial que desde la crítica a la colonialidad del poder y del saber propone una educación capaz de encarar el reto de descentrar las convencionales formas de producción de conocimiento instaladas en las prácticas educativas cotidianas a partir de la crítica de los principios pedagógicos propios de la modernidad que le caracterizan (JAMES, 2010). Una educación desde esta perspectiva valora todos los saberes pues entiende que la comprensión del mundo solo es posible desde la vivencia de nuestra interculturalidad y dialoga con ella con el fin de garantizar una comprensión compleja de nuestros contextos. Estas, son pedagogías pensadas más allá de la escuela, que piensan la educación como una estrategia social de transformación y creación de un nuevo sistema de relaciones, más complejo, dinamico e integrador.

Resumo individual 3

Autora: Juliana de Fátima Souza

Esta comunicação pretende discutir o direito à educação na América Latina, com ênfase na oferta da educação superior. Buscar-se-á apresentar de que modo a educação superior latino-americana tem se transformado ao longo dos últimos decênios, quando observa-se: i) uma significativa ampliação da taxa de matrícula de graduação nos países da região, que passam a atingir níveis de massificação; ii) incremento da participação do setor privado na prestação de serviços educacionais;

iii) uma maior diversificação do tipo de instituições que atuam na educação superior (faculdades, universidades, centros universitários, etc); iv) redução do investimento público no setor, sendo as universidades públicas cada vez mais sugestionadas a buscarem novas fontes de financiamento; v) valorização da internacionalização, tendo como destino principal países desenvolvidos e universidades de classe mundial. Também se apontará dados da pós-graduação e do desenvolvimento científico e tecnológico na região. Os dados subsidiarão a discussão sobre o quanto a nova configuração afasta as universidades latinoamericanas da Reforma de Córdoba, que trazia como ponto central a questão da autonomia, e as aproxima de uma “agenda globalmente estruturada para a educação”, mais alinhada aos pressupostos de uma economia do conhecimento. Didriksson (2008), García-Guadilla (2010), Dale (2004), Robertson (2009, 2011) e Lima e Contel (2011) são os principais referenciais teóricos da comunicação.

Resumo individual 4

Autora: Luz Alba Ballén Sierra

Las recientes discusiones sobre la autorrealización, principalmente entre mujeres, han incentivado a las nuevas generaciones de clases pobres y medias a buscar el ascenso social a través de la educación superior y la movilidad internacional con fines educativos. En este trabajo pretendo exponer mi experiencia en migración para fines educativos, importante para estudiantes e investigadores, apuntando a algunos desafíos sobre lo que se refiere al desarrollo de tecnología entre países miembros del Mercosur. Los diferentes programas de fomento a la educación superior pueden impactar de forma positiva la trayectoria de estudiantes investigadores, posibilitado el ascenso social, incentivando el pensamiento crítico a través de nuevas experiencias y promoviendo la conformación de redes entre latinoamericanos de alta escolaridad, esto sin desconocer las problemáticas estructurales de desigualdad y exclusión. De forma particular resalto como en las ciencias biológicas, específicamente en el área de la biotecnología se evidencia un intercambio muy limitado en la región Mercosur, en la cual se observa un constante aumento en la importación de productos de alta tecnología acompañado de tasas de exportación insignificantes. Esto puede ser un reflejo de la falta de planeación, orientación, limitaciones en la creación de nuevas redes de pesquisa y colaboración, que sean rentables para la región. A su vez estas falencias pueden estar asociadas a la preponderancia de la competencia sobre la cooperación entre los países miembro, disputa de la protección de derechos sobre productos y falta de dialogo. Factores que limitan la continuidad de proyectos, desvinculan el investigador y desaceleran el desarrollo de productos que podrían llegar de forma competente al mercado.

Sessão: CC_02B	
Horário: 06/10/2016 das 14h00 às 16h30	
Local: Auditório 2 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 72)	
A tragédia anunciada do vale do rio Doce	
Eixo temático: Ecologia e meio ambiente	
Participantes	Afiliação
Ralf Edmundo da Silva Matos (Coordenador)	Universidade Federal de Minas Gerais
Professor Titular do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFMG. Doutor em demografia e mestre em Economia Regional e Urbana. Bolsista de Produtividade do CNPq com experiência em estudos socioambientais referidos à projetos de pesquisa associados à Geografia Humana, Demografia e Desenvolvimento Regional.	
Bernardo Machado Gontijo	Universidade Federal de Minas Gerais
Doutor em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília, mestre em Estudos Latino Americanos pela Vanderbilt University, professor adjunto do Departamento de Geografia do Instituto de Geociências da UFMG, atuando nas áreas de Geografia e Meio Ambiente, Vegetação, Unidades de Conservação e Turismo.	
Alfredo Costa	Universidade Federal de Minas Gerais
Mestre em Análise e Modelagem de Sistemas Ambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Cartografia, doutorando em Geografia pela UFMG com ênfase na área de Organização do Espaço. É professor do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH) e consultor ambiental nas áreas de avaliação e análises de impactos ambientais.	
Roberto Franco Junior	Consultor Independente
Geógrafo e consultor atuando em diversas empresas nas áreas de Meio Ambiente, Avaliação de Impactos, Gestão Ambiental e Análise de Paisagens degradadas.	
Resumo Geral	
A Comunicação Coordenada proposta tem por objetivo evidenciar o processo de degradação ambiental do vale do rio Doce que culminou na maior tragédia ambiental da história do Brasil. Tal processo tem origem no desejo da Elite Mineira de transformação de uma área inexplorada até fins do século XIX em um eixo de desenvolvimento industrial ao exemplo do vale do Ruhr, na Alemanha. No esteiodesse projeto industrializador verificou-se a exploração predatória de recursos naturais e a perseguição de populações nativas em temporalidades e espacialidades que se interpenetram. Este modelo de exploração implicou em um cenário contemporâneo que já mostrava sinais claros de exaustão. O aumento da produção mineral nas cabeceiras do vale do rio Doce nos últimos 20 anos, que se apoiou fortemente da fragilidade da cultura e da legislação ambiental brasileira, culminou em formas desmedidas de exploração, cujas implicações ambientais culminaram ao final de 2015 na ruptura da barragem de rejeitos de Fundão, localizada em Mariana (MG) e de responsabilidade das Companhias Samarco/Vale/BHP. A discussão que se propõe diz respeito à gravidade e às consequências dos danos ambientais observados, que se perpetuarão por décadas com rebatimentos tanto nos modos de vida das populações que dependem do rio, quanto na sua flora e fauna nativas.	
Resumo individual 1	
Autor: Ralf Edmundo da Silva Matos	
Boa parte do vale do rio Doce manteve-se inexplorada durante o século XVIII, porque a Coroa temia que ele pudesse ser penetrado por potências da Europa interessadas no ouro de Minas Gerais. Mais tarde, no começo do século XX, a ideia de fazer do vale uma espécie de corredor de desenvolvimento de alcance mundial, semelhante ao vale do Ruhr na Alemanha, tornou-se um sonho acalentado pelas elites mineiras e muitos esforços foram dirigidos nessa direção. Após	

décadas de exploração de recursos naturais e a instalação da ferrovia e de um complexo mínerometalúrgico, o projeto das elites finalmente se materializou. O sertão indevassado foi ocupado, desmatado e amplamente transformado em pouco mais de 70 anos. Ipatinga, nas confluências do Piracicaba com o Doce, tornou-se uma “metrópole” orbitando em torno de uma das maiores siderúrgicas do país, a USIMINAS. Mais à montante do Doce, as antigas Ouro Preto e Mariana continuaram centrais na economia mineira, em decorrência da extração de minério de ferro de alto teor nesses municípios. Nos últimos 20 anos, o crescimento acelerado da China provocou sucessivos aumentos da produção mineral na região, sobretudo quando o preço do minério começou a reduzir-se após a crise financeira internacional de 2008. Com isso aumentava-se a extração para compensar a redução do preço da tonelada. A Samarco/Vale/BHP participou dessa exploração desmedida, valendo-se da fragilidade da cultura ambiental brasileira e das benesses que historicamente usufruíam em Minas. A irresponsabilidade técnica, as imposições de lucratividade e o descaso da fiscalização e da direção da Samarco deram origem a uma tragédia anunciada. A ruptura da barragem de rejeitos de Fundão, em Mariana é aqui discutida porque as consequências desse desastre ambiental são graves e serão sentidas em dezenas de comunidades ribeirinhas e vão marcar o vale do Doce por muito tempo.

Resumo individual 2

Autor: Bernardo Machado Gontijo

Região emblemática e representativa de processos ecológicos e geográficos mais amplos, a bacia do Rio Doce é um microcosmo revelador da tragédia ambiental em curso no planeta. Nela pode-se identificar temporalidades e espacialidades que se interpenetram de forma a revelar um mosaico de fenômenos cuja resultante ambiental emerge como um quadro preocupante, o qual merece um olhar mais atento se estamos buscando saídas para a atenuação de problemas ambientais de diversas magnitudes. Populações nativas foram perseguidas, massacradas e reduzidas, assim como a própria cobertura florestal com a qual conviviam e da qual dependiam. Sem os habitantes originais, aos que para lá se dirigiam restava a opção da retirada da floresta para a obtenção de madeiras nobres, para a produção de carvão e para a formação de pastagens. A esses novos usos se amalgamaram toda a cadeia produtiva decorrente da exploração das jazidas de minério de ferro localizadas nas cabeceiras de alguns rios da bacia e o que se verificou, a partir de então e ao longo do século XX, foi a intensificação deste novo modelo cuja resultante espacial é um mosaico de cicatrizes (manchas urbanas, plantas industriais, eucaliptais, cavas de mineração, rodovias e ferrovias, pastagens com gramíneas exóticas, etc.) espalhadas como uma colcha de retalhos em meio a manchas vegetacionais (Unidades de Conservação, Áreas de Preservação Permanente, Reservas Legais, Terras Indígenas, etc.) que sobrevivem a duras penas. Verdadeiras sobras espaciais, algumas delas palcos de conflitos territoriais disputados de maneira perversa por aqueles setores excluídos desse mesmo processo avassalador de produção do espaço. Tal modelo tem mostrado sinais claros de exaustão, o que não tem impedido que iniciativas pontuais de reversão estejam em curso. É sobre este quadro conflagrado que a análise se dedica, na tentativa de encontrar alguma luz no fim do túnel.

Resumo individual 3

Autor: Alfredo Costa

Não é possível dissociar práticas sociais de meio ambiente, pois os processos sociais utilizam, transformam e adaptam-se às bases físico-territoriais que lhes dão suporte. Portanto, há uma proporcionalidade evidente entre a intensidade da exploração, os padrões de produção e consumo e a degradação ambiental. O desastre ambiental do rio Doce, que ganhou repercussões internacionais tanto por sua abrangência geográfica quanto pela gravidade dos danos causados, obriga a sociedade a repensar mais uma vez uma importante questão: em que medida o chamado desenvolvimento regional deve pautar-se na transformação do espaço tendo como fim somente a produção econômica? Ainda que não haja consenso sobre tal resposta, é evidente que o cenário de devastação observado no Vale do rio Doce serve de aprendizado para a reformulação tanto dos procedimentos de licenciamento ambiental, quanto das formas de gestão da paisagem. Tais estudos podem se apoiar em técnicas de análise da Ecologia da Paisagem, que é a disciplina que investiga a dinâmica da diversidade espacial da paisagem e do efeito das atividades antrópicas em sua transformação. Para tanto, considera seus diferentes padrões, processos, escalas e a própria diversidade espacial como força motriz dos processos ecológicos. Une a análise espacial da geografia com a análise funcional da ecologia, considerando o ser humano como parte interativa dos ecossistemas naturais. A interpretação dos fenômenos decorrentes do rompimento da barragem só pode ser realizada de maneira integrada para que se alcancem diretrizes capazes de pautar e regular as intervenções ambientais presentes e futuras.

Resumo individual 4**Autor:** Roberto Franco Junior

O rompimento da barragem de rejeitos da Samarco/Vale/BHP é o maior desastre do gênero da história mundial da mineração, se considerarmos o volume de lama liberado (60 milhões de metros cúbicos), o percurso atingido (cerca de 600 km) e os inestimáveis prejuízos financeiros. Seus efeitos demonstram que a atual política de uso de recursos naturais, orientada pela busca frenética de recordes de produção mineral, põe em evidência a dimensão deletéria das ações globais no território. A força dos lobbies de corporações que atuam nas mídias e no Congresso dita uma política onde empresas internacionalizadas são protegidas e beneficiadas. Quando cobradas por suas ações desastrosas, essas empresas tergiversam e revelam profundo descompromisso para com a sociedade e o meio ambiente. A ausência de comunicação, deturpação de fatos, forjamento de resultados, são algumas das práticas realizadas para enganar a opinião pública, protelar julgamentos e sentenças, tornando invisíveis os grandes responsáveis por tragédias como a de Mariana. Os projetos de operação dessas grandes estruturas de engenharia estão sob suspeição. Após o desastre, vieram à tona as discussões em torno da modernização da produção e extração dos bens minerais, uma vez que projetos muito menos agressivos ambientalmente já estão em operação em diversas partes do mundo, embora inexistentes em nosso país. A negligência e a impunidade resultam em tragédias anunciadas, poluição e insegurança nas regiões de exploração mineral. Poluentes químicos foram encontrados nas análises laboratoriais realizadas, que traduzem a qualidade das águas descartadas após a ruptura de Fundão. A frequência e exposição ao risco dos rejeitos da Samarco, se avaliados em uma Análise de Árvore de Eventos, podem ser a fonte de elementos contaminantes encontrados nos sedimentos e águas do rio Doce, identificados em pesquisas realizadas ao longo da área atingida pelo desastre.

Sessão: CC_02C**Horário:** 06/10/2016 das 14h00 às 16h30**Local:** Auditório 3 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)**Título da comunicação coordenada (submissão 29)**

Violência, trauma e adolescência: vias do possível

Eixo temático: Espaço urbano e violência**Participantes****Afiliação**

Andréa Máris Campos Guerra (Coordenadora)

Universidade Federal de Minas Gerais

Psicóloga e bacharel em Direito. Psicanalista. Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ângela Maria Resende Vorcaro

Universidade Federal de Minas Gerais

Professora adjunta de psicologia ufm; membro do centro de pesquisa Outarte (Unicamp) e da Association Lacanienne de psychanalyse (ALI).

Nádia Laguárdia de Lima

Universidade Federal de Minas Gerais

Possui pós-doutorado em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Especialização em Docência do Ensino Superior; (CNP), Especialização em Clínica e Saúde Mental; (CNP) e Graduação em Psicologia (UFMG). É professora Adjunto III do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. É co-coordenadora do Laboratório de Psicologia e Educação do Departamento de Psicologia da UFMG. Participa do Laboratório de Psicanálise e Psicopatologia da UFMG. Coordena o grupo de pesquisa: Além da Tela: psicanálise e cultura digital; da UFMG. É autora do livro: A escrita

virtual na adolescência: uma leitura psicanalítica. Ênfase na produção acadêmica e profissional junto aos temas: psicanálise e cultura, subjetividade e ciberespaço, psicanálise e educação, clínica psicanalítica com crianças e adolescentes. Recebeu o Prêmio CAPES de Teses 2010 e o Prêmio UFMG de Teses 2010, ambos da área da Educação. É membro do OCA (Observatório da Criança e do Adolescente) da UFMG. É membro do LEPSI seção Minas. Participa do Grupo de Trabalho da ANPEPP; Psicanálise, Infância e Educação.

Cristiane de Freitas Cunha

Universidade Federal de Minas Gerais

Professora Associada do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG. Coordenadora adjunta do Mestrado Profissional de Promoção da Saúde e Prevenção da Violência da Faculdade de Medicina da UFMG. Coordenadora do Grupo de Pesquisa do CNPq Sintomas Contemporâneos. Coordenadora do Eixo A criança, o adolescente e a violência do Observatório da Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG.

Resumo Geral

Partiremos da noção psicanalítica de trauma, entendido como incidência de um excesso, não passível de significação, que incide sobre o corpo adolescente como marca real. Analisaremos a situação de crianças de rua e também de surdos, com a hipótese de que se referem a modos de supressão da latência, que evidenciam o limite do corpo como constrição necessária à elaboração da castração, que faz do adiamento do ato uma condição estrutural do cálculo subjetivo, evidenciando o quanto o Real do desenvolvimento orgânico pode determinar a possibilidade da construção psíquica da passagem adolescente. Em seguida, problematizaremos a proteção da intimidade contra o traumatismo da exposição indesejada ou da insegurança das informações compartilhadas pelos adolescentes no espaço virtual. Problematicaremos se a queda do pudor no imaginário contemporâneo poderia interferir no trabalho psíquico da adolescência, deixando os sujeitos mais expostos ao real traumático da puberdade. Também apresentaremos duas notas para analisar a mortalidade juvenil brasileira: como vingança entre grupos de jovens rivais que perpetuam a memória do guerreiro morto e de sua comunidade; e como sistema de mortes, com valor de insulto, na ausência de medida comum como valor de troca num sistema de vida. O que culmina na tanatopolítica do jovem negro e pobre, que precisa ser revista. Para encerrar, pensaremos como, de período turbulento e crítico, podemos pensar a metamorfose adolescente como potência de transformação subjetiva e social através da clínica psicanalítica que, com sua potência política, pode oferecer uma outra possibilidade de tradução para os adolescentes marcados como abjetos. Nela trata -se de não abreviar a viagem, não traduzir o intraduzível. A adolescência pode ser fabricada, sob medida, pelo sujeito adolescente que, no seu tempo, pode inventar sua fórmula e seu lugar.

Resumo individual 1

Autora: Ângela Maria Resende Vorcaro

A supressão do período de latência pode produzir desastres que jogam as crianças à deriva pulsional, impossibilitadas que ficam de fazer laços com os semelhantes que agenciam o grande Outro. A violação da latência que convoca crianças a responder antes que detenham um saber, as institui num lugar de poder que lhe é conferido, onde, a despeito do real de sua constrição orgânica, seus corpos realizam qualquer ato: as crianças vão responder não com a palavra, mas com seu corpo. Ao dizer “é um assalto, me dá o dinheiro senão eu te corto a cara” especularizam o assalto temporal sofrido e recebem como resposta o mesmo medo, o horror e a submissão já vivido por elas. Sua fala ganha reconhecimento social, é ordenadora do laço em que elas supõem ter o domínio, fazendo a lei insensata do vale tudo. Nessa posição perversa, sua palavra não é engajada no brincar de bandido, mas faz ato e tem reconhecimento devido ao perigo de desamparo a que submete o outro. Também as crianças surdas, sem acesso ao diagnóstico e ao tratamento na infância, depois de passarem toda sua latência na posição de objeto do gozo do Outro, sem acesso a meios para aparelhar-se com algum saber, são enfim, na adolescência, expostas à língua de sinais. Descubrem uma possibilidade inédita de circulação na língua, de encontros, de saber. Nesse momento, entretanto, seu corpo está organicamente constituído, está acossada pela urgência das pulsões e pela necessidade de realização. Seu corpo não lhe impõe qualquer limite, qualquer ato pode ser experimentado sem nenhuma elaboração. É ao mesmo tempo em que passam a falar, com o corpo pela língua de sinais, podem também fazer qualquer ato. Falar e fazer são facilmente equivalentes, transparentes, sem mudança de registro de um para o outro, sem leitura de um sobre o outro. Nessas duas situações, enfim – a primeira, dos meninos de rua, em que a adolescência é antecipada, suprimindo a latência, por violação, e a segunda, dos surdos, em que a latência é postergada à adolescência, em que a condição real do organismo produz a urgência de realização que impede o tempo de elaboração da castração – encontramos a condição social incidindo na estruturação do sujeito: antecipação da adolescência ou adiamento da infância. Esses modos de supressão da latência mostram o limite do corpo – seja por sua restrição de tamanho, habilidade e força, ou ainda por sua

imaturidade sexual – como constrição necessária à elaboração da castração, que faz o adiamento do ato uma condição estrutural do cálculo subjetivo. Tais desastres na latência evidenciam o quanto o Real do desenvolvimento orgânico pode determinar a possibilidade da construção psíquica.

Resumo individual 2

Autora: Nádia Laguárdia de Lima

A exposição da vida privada nas redes sociais tem crescido a cada dia. Crescem também as manifestações de agressividade na web, um espaço de expressão ilimitado. O pudor parece não ter lugar numa época em que tudo pode ser oferecido ao olhar do outro. As questões sobre a proteção de nossa intimidade contra o traumatismo da exposição indesejada ou sobre a segurança das informações compartilhadas na rede são cada vez mais constantes. Na puberdade, o sujeito é confrontado com um gozo sem sentido, para o qual não existe nenhuma representação simbólica. A adolescência seria o tempo lógico de elaboração de uma resposta particular a esse encontro. Lacan (1974) designa o pudor como um véu que tem a função de velar o objeto traumatizante. O trabalho psíquico da adolescência requer a articulação do íntimo no espaço público, no qual o adolescente faz uso do pudor. O véu do pudor, como um semblante, surge nesse momento como uma resposta ao olhar do outro. O pudor encobre a sexualidade, envolvendo-a como um mistério. Na puberdade, há uma iniciação sexual e o sujeito precisa tomar uma posição na partilha sexual. A iniciação sexual equivale a uma passagem ao saber sobre o enigma do outro sexo, a uma levatada do véu (LACAN, 1974/2003). Há, pois, nesse tempo lógico, um jogo de recobrimento e de desvelamento do véu. Nesse texto, questionamos se a queda do pudor no imaginário contemporâneo poderia interferir no trabalho psíquico da adolescência, deixando os sujeitos mais expostos ao real traumático da puberdade.

Resumo individual 3

Autora: Andréa Máris Campos Guerra

Nossa apresentação propõe duas notas para analisar a guerra entre os jovens no microtráfico ilícito de drogas numa interface entre psicanálise e antropologia, a partir das noções de tempo, memória, vingança e escrita (im)possível da vivência traumática. Na primeira nota, trabalhamos a hipótese de que a guerra teria a função de conectar passado e futuro, pois através da vingança haveria uma inscrição no tempo e uma marca cunhada na história, que se perpetua através da memória da vítima. A segunda nota trabalha o circuito das mortes no microtráfico incluindo o saber que o jovem lança mão para lidar com o mecanismo estrutural de segregação a que se encontra submetido. Neste sentido, trabalhamos a hipótese de que a morte desempenha uma função estrutural no sistema de vida destes jovens e comporta uma positividade, na medida em que escreve a presença destes sujeitos na cidade, ainda que pelas avessas. Ao serem nomeados pelos registros oficiais dos dispositivos de poder, como prontuários, fichas infracionais e boletins de ocorrência, os jovens ganham inscrição, ao mesmo tempo em que se apagam na escrita de um nome na história dos homens. Ao serem confrontados com esses dispositivos, ganham existência como autores de ato infracionais, ao perderem sua condição política. Assim, não resguardam a função-autor, cujo regesto, permitiria uma outra escrita de sua presença na cidade. Podemos, então supor que, correndo risco de vida na guerra do tráfico, os jovens parecem almejar não a morte, mas a inscrição de uma escrita marginal, que não ganha registro na língua do Outro social.

Resumo individual 3

Autora: Cristiane de Freitas Cunha

A metamorfose da puberdade (FREUD, 1905/2006), instaura a estrangeiridade. O púbere vive o exílio do seu corpo infantil, da língua materna (LACADÉE, 2011). Ele é o barqueiro solitário que faz a travessia de si mesmo de uma margem à outra. A fronteira, sempre clandestina; o púbere, sempre estrangeiro (LE BRETON, 2013). Atualmente, até a puberdade pode ser controlada. A fabricação do corpo púbere pode ser ancorada na tecnociência, no uso clandestino de hormônios ou corroborado pelo direito ao consumo, ou postergada pelo bloqueio puberal induzido pelos hormônios ou por sintomas como a anorexia (CUNHA, CF. 2016). A adolescência com sua polissemia - delicada transição para Vitor Hugo, pressa de se encontrar o lugar e a fórmula para Rimbaud (LACADÉE, 2011), redemoinho para Wedekind (1891), traduz o enlaçamento da subjetividade com a cultura, com os determinantes econômicos. A adolescência surge nas classes burguesas, no século XIX, e nunca foi a mesma nas diferentes classes econômicas (LE BRETON, 2013). A travessia adolescente hoje habitualmente se prolonga nas classes média e alta, produzindo o conceito de adolescência generalizada, com limites cada vez mais imprecisos de início e término. Os jovens pobres, sobretudo negros, moradores das periferias, portam as marcas discursivas de um colapso dessa transição. A pergunta sobre o valor da própria vida é respondida antes de ser formulada com a segregação, violência, genocídio. Esses jovens chegam até nós já rotulados como delinquentes, perigosos. A clínica, com sua potência política, pode oferecer uma

outra possibilidade de tradução para esses sujeitos marcados como abjetos. Na clínica psicanalítica, trata-se de não abreviar a viagem, não forçar o sujeito a percorrer o caminho principal, sem se aventurar pelas passagens secretas, não traduzir o intraduzível. A adolescência pode ser fabricada, sob medida, pelo sujeito adolescente que, no seu tempo, pode inventar sua fórmula e seu lugar.

Sessão: CC_02D	
Horário: 06/10/2016 das 14h00 às 16h30	
Local: Auditório 4 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 141)	
Infâncias, escola, proteção e direito à cidade: um território de debate	
Eixo temático: Espaço urbano e violência	
Participantes	Afiliação
Maria Cristina Soares de Gouvea (Coordenadora)	Universidade Federal de Minas Gerais
Formação: graduação em Psicologia(1983), mestrado em Educação e Ciências Sociais (1990), doutorado em História da Educação (1997) pela Universidade Federal de Minas Gerais , pós-doutorado em História pela Oxford University (2010), pós- doutorado em História da Educação pela Universidade de Lisboa(2005) . Atuação profissional: Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, onde atua no Programa de PósGraduação, orientando alunos de mestrado e doutorado. Pesquisadora I- B do CNPq, do Centro de Estudos e Pesquisas em História da Educação da UFMG (GEPHE), e do Núcleo de Pesquisas sobre Infância e Educação Infantil da UFMG (NEPEI/ UFMG. Áreas de pesquisa: 1. História da Educação: a. história da infância, processos de escolarização, produção e circulação de saberes sobre a infância, b. historia da formação e profissionalização docente. 2.Estudos da infância: a. Saberes sobre infância b. Infância e cultura.	
Tulio Campos	Universidade Federal de Minas Gerais
Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG. Mestre em Lazer pela UFMG (2010). Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Minas Gerais (2007). Atualmente é Professor de Educação Física da Escola de Educação Básica e Profissional da UFMG - Centro Pedagógico	
Aline Regina Gomes	Universidade Federal de Minas Gerais
Graduada em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado/2004) pela Universidade Federal de Minas Gerais, é mestre em Educação Física pela mesma instituição (2008). Professora da Rede Municipal de Ensino da Prefeitura de Belo Horizonte há seis anos, faz o acompanhamento do Programa Escola Integrada em escolas da Regional Norte de Belo Horizonte. Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Conhecimento e Inclusão Social em Educação (FAE/UFMG), integra a linha de pesquisa "Infância e Educação Infantil", além do grupo de estudos "Infâncias e Cidade" na mesma instituição.	
Resumo Geral	
A cidade afirma-se não apenas como lócus de moradia, mas como espaço educativo, de sociabilidade e mobilidade. Especialmente dada a complexidade da vida contemporânea urbana, os sujeitos apresentam experiências distintas, definidas por local de moradia, classe social, pertencimento de gênero, étnico- racial e etário. Tem-se como foco nesta proposta a análise da experiência urbana infantil, tratada no entrecruzamento com as demais categorias identitárias que informam a vivência da criança. Os diferentes trabalhos que compõem esta proposta contemplam dimensões distintas da relação criança e cidade, ancorados nos referenciais teórico- metodológicos da sociologia e geografia da infância. Entende-se a criança não apenas como objeto de políticas urbanísticas construídas pelo adulto, mas como ator social que vive a cidade e a modifica, através de sua participação no espaço público. Se tradicionalmente associa-se à criança aos domínios dos espaços privados da casa e da escola, os estudos contemporâneos entendem a criança como usuária da cidade e seus equipamentos, através da mobilidade e exploração.	

Iremos focalizar nesta comunicação os usos da cidade por crianças malabaristas trabalhadoras, as práticas e demandas do cuidado infantil pelo adulto nos espaços da cidade e as interações infantis nos equipamentos público.

Resumo individual 1

Autora: Maria Cristina Soares de Gouvea

A pesquisa analisa as relações entre as crianças no espaço urbano e das crianças com a cidade. Para tal, são contempladas duas dimensões: 1. Estado da arte da produção brasileira e estrangeira sobre as relações entre a criança e a cidade 2. Pesquisa etnográfica sobre as experiências urbanas e interações sociais entre crianças de extratos sociais distintos em espaços públicos. Nesta apresentação tomarei como foco o estado da arte da produção brasileira e estrangeira contemporânea sobre o tema, avaliando os referenciais teóricos, as estratégias metodológicas, os objetos de pesquisa e suas contribuições. Busca-se analisar que temas são focalizados nas pesquisas desenvolvidas desde 1980, tendo como fontes os periódicos da área. Verifica-se um deslocamento de uma perspectiva que analisava a presença da criança na rua como expressão de uma patologia social para um olhar que contempla o direito da criança à cidade e os diferentes usos que crianças de grupos sociais distintos fazem do espaço urbano. Observa-se também na produção mais recente um refinamento das estratégias metodológicas investigativas que buscam captar a singularidade do olhar infantil.

Resumo individual 2

Autor: Tulio Campos

Estudos recentes apontam que criança urbana progressivamente tornou-se uma das principais vítimas da segregação socioespacial nas metrópoles modernas. Concomitantemente, a restrição e privatização dos espaços de circulação das crianças, em especial nas metrópoles brasileiras, apontam um empobrecimento da experiência social infantil. Outros pesquisadores destacam que nos últimos anos é possível verificar mudanças nos padrões de mobilidades das crianças. Estudos europeus e norte-americanos indicam que as crianças contemporâneas, ao serem comparadas com a(s) infância(s) de seus avós, estão sujeitas a restrições em sua mobilidade cotidiana, principalmente devido ao aumento na institucionalização da infância. Em contrapartida, muitas pesquisas buscam dar visibilidades às apropriações e usos do espaço urbano pelas crianças. As crianças como atores sociais vivem suas experiências em diferentes espaços sociais, não limitados somente aos da família e da escola. Nesse sentido, a criança constitui sujeito que faz uso dos espaços públicos e constrói formas próprias de participação na vida urbana. Nesta perspectiva, pretende-se apresentar nesse momento uma proposta de investigação que tem como foco de análise as ações propostas por uma instituição de Educação Infantil pública que realiza um diálogo sistematizado e organizado com o projeto “Educando a Cidade para Educar”. A pesquisa propõe como base teórica estudos nas diferentes áreas das ciências humanas e sociais, em especial na Sociologia da Infância e tem a etnografia como metodologia, objetivando compreender as experiências das crianças e sua relação com a cidade na perspectiva de uma infância institucionalizada.

Resumo individual 3

Autora: Aline Regina Gomes

Estudos recentes apontam que criança urbana progressivamente tornou-se uma das principais vítimas da segregação socioespacial nas metrópoles modernas. Concomitantemente, a restrição e privatização dos espaços de circulação das crianças, em especial nas metrópoles brasileiras, apontam um empobrecimento da experiência social infantil. Outros pesquisadores destacam que nos últimos anos é possível verificar mudanças nos padrões de mobilidades das crianças. Estudos europeus e norte-americanos indicam que as crianças contemporâneas, ao serem comparadas com a(s) infância(s) de seus avós, estão sujeitas a restrições em sua mobilidade cotidiana, principalmente devido ao aumento na institucionalização da infância. Em contrapartida, muitas pesquisas buscam dar visibilidades às apropriações e usos do espaço urbano pelas crianças. As crianças como atores sociais vivem suas experiências em diferentes espaços sociais, não limitados somente aos da família e da escola. Nesse sentido, a criança constitui sujeito que faz uso dos espaços públicos e constrói formas próprias de participação na vida urbana. Nesta perspectiva, pretende-se apresentar nesse momento uma proposta de investigação que tem como foco de análise as ações propostas por uma instituição de Educação Infantil pública que realiza um diálogo sistematizado e organizado com o projeto “Educando a Cidade para Educar”. A pesquisa propõe como base teórica estudos nas diferentes áreas das ciências humanas e sociais, em especial na Sociologia da Infância e tem a etnografia como metodologia, objetivando compreender as experiências das crianças e sua relação com a cidade na perspectiva de uma infância institucionalizada. As recentes investigações advindas das Ciências Sociais

(notadamente, do campo interdisciplinar “Estudos da Infância”) têm colocado em evidência as crianças enquanto atores sociais, sujeitos de direitos, que compartilham os mesmos universos sociais que os adultos, vivendo suas experiências de infância(s). Paralelamente, a vida real de meninos e meninas na sociedade contemporânea passou por profundas modificações, dentre elas o esvaziamento da rua como espaço de interação social e a crescente dependência de instituições (escolares ou não) para permanência das crianças em seus cotidianos. Nesse sentido, a temática da proteção – ora adjetivada como social, ora como integral – ganha relevo e vem ocupando pesquisadores de diversas áreas no sentido de defesa da criança como sujeito de direitos universais, incluindo o direito à cidade. Aqui, o conceito de intersetorialidade torna-se central para a discussão, na medida em que se estabelece um diálogo entre os diversos equipamentos públicos que atendem as crianças: escolas, postos de saúde, centros de assistência social, conselhos tutelares, etc. Entretanto, mesmo em um debate intersetorial, parece-me pouco problematizado o conceito de cuidado (care) como um dos componentes da proteção social/integral. É com este viés que pretendo contribuir para o debate público do cuidado. Ao consideramos os contextos das grandes cidades e suas regiões metropolitanas, o que significa cuidar das crianças? Tirá-las da rua implica protegê-las? O cuidado (e suas dimensões afetivas, biológicas, culturais) tem sido pensado pelos responsáveis pela proteção à criança, seja na família, na escola e em outras instâncias sociais? Antes “menor”, agora um cidadão, a criança vem sendo protegida da cidade ou tendo oportunidades de interação nela? Com tais questões, pretendo me ocupar e estimular reflexões para pensar a infância e suas experiências.

Sessão: CC_02E	
Horário: 06/10/2016 das 14h00 às 16h30	
Local: Sala 4079 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 101)	
Culturas, gênero e identidades na escrita feminina: o rompimento de barreiras e a inauguração de parâmetros nas literaturas contemporâneas em inglês	
Eixo temático: Gênero e diversidade cultural	
Participantes	Afiliação
Luiz Manoel da Silva Oliveira (Coordenador)	Universidade Federal de Minas Gerais/ Universidade Federal de São João del-Rei
Residente Pós-Doutoral no PosLit da UFMG, sob supervisão da Profa. Dra. Sandra Regina Goulart Almeida; professor adjunto do DELAC – Departamento de Letras, Artes e Cultura da UFSJ - e membro permanente do corpo docente do PROMEL – Programa de Mestrado em Letras, da UFSJ; doutor em Literatura Comparada (UFRJ/2007); mestre em Literaturas em Língua Inglesa (UERJ/2003). Tem atuado nas áreas de Literaturas de Expressão Inglesa e Literatura Comparada, desenvolvendo pesquisas nas seguintes temáticas: gênero, raça, etnia, teorias feministas, escrita feminina, intertextualidade e pós-colonialismo.	
Claudio Braga	Universidade de Brasília
Residente Pós-Doutoral na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, sob supervisão da Profa. Dra. Laura Patricia Zuntini de Izarra; professor adjunto do Departamento de Teoria Literária e Literaturas (TEL) da UnB; professor e orientador no Programa de Pós-Graduação em Literatura (PosLit UnB); doutor em Literatura Comparada pela UFMG (2010); mestre em Literaturas em Língua Inglesa pela UFMG (2006); pesquisa, leciona e orienta literaturas estadunidense e britânica, literaturas africanas de língua inglesa, literaturas diaspóricas e pós-coloniais, literatura e cinema e estudos de literatura e mobilidade.	
Isabel Cristina Rodrigues Ferreira	Universidade Federal de Lavras
Professora adjunta do DCH – Departamento de Ciências Humanas da UFLA; doutora em Literatura Comparada (UNC – Chapel Hill/2008 – UFRG/2009); mestre em Romance Languages and Literatures (UNC – Chapel Hill/2003). Atua nas áreas de Literaturas em Língua Inglesa, desenvolvendo pesquisas nas seguintes temáticas: gênero, raça, etnia, estudos culturais e intertextualidade.	

Juliana Borges Oliveira de Moraes	Universidade Federal de Minas Gerais
<p>Pesquisadora do grupo Mulheres em Letras (Fale/UFMG), sob a coordenação da professora Constância Lima Duarte; Professora substituta de Literaturas de língua inglesa Fale/ UFMG (2014 a 2016); doutora em Literatura Comparada (UFMG/2014); mestre em Literaturas de Expressão Inglesa (UFMG/2010). Tem atuado nas áreas de Literaturas em língua Inglesa e Literatura comparada, com foco em literaturas contemporâneas de autoria feminina, desenvolvendo pesquisas nas seguintes temáticas: gênero, espaço, diáspora, raça e identificação.</p>	
Resumo Geral	
<p>Definindo as temáticas desta mesa-redonda, recorreremos a alguns escritores/as e teóricos/as, para evidenciar a abrangência pretendida nas discussões, sem, contudo, negligenciar uma certa unidade desejável, que enfeixe as ricas trocas de experiências que se almejam. Assim, quando Amim Maalouf afirma: “O que me faz ser eu é esse estar na fronteira entre dois países, entre dois ou três idiomas, entre várias tradições culturais” (MAALOUF, 1999, apud CANCLINI, 2003, p. 15), acorrem-nos as palpitantes questões das migrações e diásporas voluntárias ou compulsórias; do hibridismo cultural; e da (re)construção e/ou da fragmentação identitária do indivíduo na contemporaneidade, fazendo-o ter duas nacionalidades, falar duas ou mais línguas e lutar para sobreviver em terras distantes, sem necessariamente abandonar elementos caros à sua cultura de origem. Igualmente, Stuart Hall (HALL, apud MATTELART A. & NEVEU, E., 2003, p. 111) diz que a partir de 1991 a globalização econômica e as fraturas sociais de nações desenvolvidas determinaram a abertura de fronteiras e, com isso, o eu passou a fazer parte de um “processo de construção das identidades sociais, no qual o indivíduo se define situando-se em relação a diferentes coordenadas e não redutível a uma ou outra coordenada (seja ela classe, raça, etnia ou gênero)”. Ainda Hall frisa que o feminismo invadiu e causou uma “virada” nos Estudos Culturais a partir de 1960: “Introduziu uma ruptura. Reorganizou o campo de maneiras bastante concretas” (HALL, 2003, p. 208), para, segundo Adelaine Resende, alargar a noção de poder, acomodando “não só o público, mas também o pessoal, o privado, as questões de gênero e sexualidade, de sujeito e subjetividade” (RESENDE et al., 2005, p. 24). Desse modo, propõe-se aqui a discussão problematizadora sobre imbricamentos culturais, de gênero, de identidade, diaspóricos e outros, de relevância, que produzam rupturas e inauguração de parâmetros na escrita feminina contemporânea em inglês.</p>	
Resumo individual 1 Autor: Claudio Braga	
<p>O trabalho apresenta um exame da condição pós-colonial, recorrentemente representada em obras literárias contemporâneas, por meio da ênfase em temas inerentes à mulher negra diaspórica, como raça e identidade, tendo como foco de análise o romance <i>Americanah</i> (2013), da nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Nesta narrativa, a autora dá continuidade ao seu projeto de dar voz a mulheres negras e jovens, suas protagonistas, lidando com questões de autoestima e empoderamento, resultantes da tensão entre passado e presente e de experiências de deslocamento e relocações. Tal condição, que denomino póscolonialidade, envolve a negociação entre abandono ou apropriação de valores culturais europeus, disseminados pelo colonizador, e a necessidade e o desejo de uma descolonização cultural, isto é, de um reposicionamento no mundo que beneficie o sujeito pós-colonial de maneira a pôr fim ou pelo menos a amenizar os efeitos que a dominação continua exercendo na mente, no espírito e na imaginação de povos ex-colonizados, ainda que a colonização formal esteja praticamente extinta. Sendo assim, investigo a questão racial e identitária da mulher negra a partir do cabelo afro, tema que a princípio pode ser considerado inusitado ou irrelevante, mas que é abordado com profundidade em <i>Americanah</i> (2013), ao ser ressignificado no contexto da mulher negra africana vivendo nos Estados Unidos.</p>	
Resumo individual 2 Autora: Isabel Cristina Rodrigues Ferreira	
<p>Helen Garner é uma escritora australiana significativa para o desenvolvimento do lugar da mulher na literatura australiana e também uma das mais discutidas e populares, tanto no cenário nacional quanto internacional. Possui um estilo próprio e os seus trabalhos refletem sobre as questões de gênero através das vozes e dos conflitos femininos em um mundo patriarcal, por vezes baseados em suas próprias experiências. Segundo Josephine Donovan, esse estilo menos tradicional de escrita libertou as escritoras do medo de não satisfazer a doutrina clássica (DONOVAN apud EAGLETON, 1996, p.82). <i>Monkey Grip</i> é o primeiro romance de Helen Garner, publicado em 1997, e ganhador do National Book Council Award. De acordo com alguns críticos, <i>Monkey Grip</i> é também o primeiro romance de um autor australiano a expressar ideias feministas; porém, para Delys Birds (2000, p.198), esse romance é um marco na literatura da Austrália por ser aquele que mudaria a</p>	

vida das mulheres. Portanto, propõe-se a discussão de como Garner retrata a identidade da mulher com o objetivo de analisar se o seu romance profere as vozes e mensagens das mulheres em relação aos papéis de gênero nas sociedades patriarcais e também de entender o contextual sociocultural no qual estão inseridas. A abordagem usada para estudar a construção da identidade dos personagens é a crítica literária feminista, principalmente elegendo como fundamentação teórica os trabalhos de Mary Eagleton, Elaine Showalter e Judith Fetterly.

Resumo individual 3

Autora: Juliana Borges Oliveira de Morais

As questões sobre as quais reflito no presente trabalho dizem respeito à literatura produzida na contemporaneidade, tendo por base estudos sobre o espaço e vivências diaspóricas femininas, no âmbito ficcional. O meu recorte literário é o romance *Geographies of Home* (1999), de Loida Maritza Pérez, escritora contemporânea diaspórica cuja narrativa enfoca personagens também femininas na diáspora. A questão que perpassa este trabalho é a relação entre espaço e gênero, tendo como objetivo analisar os espaços e suas influências nas políticas de identificação das personagens em questão. A fim de discutir gênero e espaço, parto de considerações de Judith Butler (2001, p. 2497), para quem gênero não tem status ontológico, mas sim performativo, já que é a repetição de atos, gestos e signos que constitui a sua realidade. Nesse contexto, Butler sugere que para se compreender gênero é preciso primeiro olhar para a cena de constrição que o cerca, já que nela estão as relações de poder presentes nos discursos de gênero (2004, p.1). Consequentemente, o conceito de espaço, dimensão onde as constrições se apresentam, se torna primordial na presente análise, especialmente por se tratar de personagens diaspóricas. Em relação a espaço, minha abordagem é fundamentada em teorizações da geógrafa Doreen Massey, que propõe a compreensão desse conceito como dimensão de múltiplas trajetórias e em constante reconstrução (2009, p. 29). No romance, repetições de papéis tradicionais de gênero são apontadas, mas transformações são também possíveis, de forma a se evitarem essencializações. Em suma, é meu objetivo analisar os espaços e suas influências nas políticas de identificação das personagens femininas em *Geographies of Home*, enfatizando a forma como espaços vários se entrecruzam em suas trajetórias diaspóricas e exercem influência sobre o momento presente que vivem.

Resumo individual 4

Autor: Luiz Manoel da Silva Oliveira

Certamente, não é muito apropriado estabelecer datas precisas para o momento em que a literatura canadense começou a enfatizar mais detidamente o que aqui chamaremos de “escrita feminina”, porque essas mudanças nos movimentos estéticos, sociais e históricos normalmente ocorrem muito paulatinamente. Entretanto, se considerarmos certos episódios culturais, literários e teóricos do século XX, como os posicionamentos estéticos e sociais, o questionamento da falta de condições mais favoráveis para a mulher produzir literatura e as visões de mundo mais inquiridoras do status quo ocidental que Virginia Woolf desenvolve em *A Room of One’s Own* (1929), poderemos reconhecer nesse ensaio de Woolf um dos primeiros antecedentes de certa ruptura tanto com os modelos patriarcais restritivos da representação da mulher na literatura, quanto com a produção literária como monopólio quase exclusivo dos homens. O *Segundo Sexo* (1949), de Simone de Beauvoir, e os seus estrondosos desdobramentos aptamente sedimentaram o terreno para a emergência da “Segunda Onda do Feminismo” (BONNICI, 2005, p. 235). Encarando o feminismo como movimento arrebatadamente desestabilizador do patriarcalismo e do cânone literário androcêntrico, engajo-me nesta reflexão, primeiro fruto da minha atual pesquisa de estágio pós-doutoral no PosLit da UFMG, acerca dos primeiros indícios na literatura canadense de uma maior ênfase na produção literária feminina. Analisando esse fenômeno da década de 1970, dentre alguns outros romances representativos, decidi optar por essa leitura possível de *Lady Oracle* (1976), de Margaret Atwood. Tentando sempre escapar dos arditos simplismos essencialistas do pensamento binário, explorarei a imagem da mulher, enquanto autora e protagonista escritora, elegendo como subsídio crítico-teórico as ideias de Coral Ann Howells, Elaine Showalter, Gina Wisker, Mary Eagleton, dentre outros teóricos/as.

Sessão: CC_02F	
Horário: 06/10/2016 das 14h00 às 16h30	
Local: Sala 4107 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 56) Entre representação e materialidade: um debate interdisciplinar	
Eixo temático: Materialidades e representações	
Participantes	Afiliação
Ana Lúcia Modesto (Coordenadora)	Universidade Federal de Minas Gerais
<p>Prof. Luciane Corrêa Ferreira is assistant professor at the Federal University of Minas Gerais (UFMG), Faculty of Letters, Post-Graduation Program in Linguistic Studies, Belo Horizonte, Brazil. Prof. Ferreira was a CAPES/ FULBRIGHT visiting scholar in the Psychology Department at University of California, Santa Cruz in 2013. She got her Master in Translation Studies at the University of Viena (1993) and her Ph.D. at the Federal University of Rio Grande do Sul in Brasil (2007). In 2015, she was a visiting guest lecturer at the Center for InterAmerican Studies (CIAS) at the University of Bielefeld, Germany. In 2016, she published the paper How Brazilian Students Conceptualize the Experience of Learning German for Academic Purposes in the Journal Pandemonium Germanicum. In 2014, she was co-editor of a Special Issue on Metaphor in Social Practices of the Brazilian Journal of Applied Linguistics (2015). Publications include the book chapters Fear of Urban Violence in Brazil: a Metaphor Investigation (to be published), Lernmetapher: eine Studie über die Motivation für das DaFLernen (2014), Metáfora e empatia no discurso de vítimas de violência em centros urbanos brasileiros (co-author, 2012) and Do People infer the Eintailments of Conceptual Metaphorsduring Verbal Metaphor Understanding? (with Prof. Raymond Gibbs, 2011).</p>	
Maria José Campos	Universidade de São Paulo
<p>Argus Romero Abreu de Moraes possui graduação em História pela Universidade Federal do Ceará (2005), mestrado em Linguística pela mesma universidade (2010) e doutorado emLinguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (2015). De 2013 a 2014, realizou estágio doutoral na Université Paris-Est Créteil (UPEC), na França. Em 2016, concluiu a pesquisa depós-doutorado “O problema mente/corpo na Análise do Discurso Francesa”, financiado por bolsa PNPd/CAPES e realizado no Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGCEL/UESB), onde atua como professor colaborador e participa do Grupo de Pesquisa Práticas, Escritas e Narrativas(GPPEN).</p>	
Regina Coeli Machado e Silva	Universidade Estadual do Oeste do Paraná
<p>Graduada em Letras- Português-Francês- pela PUC-Rio e em Études Françaises pela Université de Nancy II. Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF), na área de Linguística Aplicada. Doutora em Lingüística pela Universidade Federal doCeará (UFC), na área de Linguística Cognitiva, com estágio doutoral no Laboratório de Psicologia Experimental do professor Raymond Gibbs da University of California, Santa Cruz. É professora adjunto do departamento de Linguística da Universidade Estadual do Riode Janeiro (UERJ). Participa igualmente do projeto internacional MetBib Brazil coordenado pela professora Ana Cristina Pelosi em parceria com a professora Aneiderlza, da Universidad de la Rioja , Espanha. É pos-doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais sob a supervisão da professora Luciane Corrêa Ferreira.</p>	
Maria Bernadete de Carvalho	Universidade Federal do Maranhão
<p>Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, especialista em Língua Inglesa e em Linguística Aplicada ao Ensino das Línguas Materna e Estrangeira pela Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras também pela Universidade Federal do Maranhão. Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência nas áreas de Letras e Linguística, com especial interesse em Linguística Cognitiva, Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Língua Inglesa e Literaturas de língua inglesa. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Linguagem e Pensamento Cognition e Linguagem - GELP/COLIN e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada - GEPLA, ambos da UFC, e líder das suas respectivas unidades na UFMA, além de membro do Projeto Internacional de Pesquisa Bibliography of Metaphor and Metonymy MetBib.</p>	

Cristina Petersen Cypriano

Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, especialista em Língua Inglesa e em Linguística Aplicada ao Ensino das Línguas Materna e Estrangeira pela Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras também pela Universidade Federal do Maranhão. Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência nas áreas de Letras e Linguística, com especial interesse em Linguística Cognitiva, Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, Língua Inglesa e Literaturas de língua inglesa. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Linguagem e Pensamento Cognição e Linguagem - GELP/COLIN e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada - GEPLA, ambos da UFC, e líder das suas respectivas unidades na UFMA, além de membro do Projeto Internacional de Pesquisa Bibliography of Metaphor and Metonymy MetBib.

Resumo Geral

Um dos desafios mais nítidos no campo das Ciências Humanas, que emerge de forma transdisciplinar em áreas de conhecimento específicas, tem sido o de retomar a discussão sobre a separação ontológica e epistemológica entre materialidade e representação. A persistente autocrítica nestas áreas, mediante a elaboração de novos conceitos e metodologias, com base nas mais diversas tradições teóricas, tem colocado em evidência os paradoxos decorrentes das análises ancoradas na divisão entre materialidade e representação e seus correlatos: sujeito e objeto, pessoas e coisas, natureza e sociedade, organismo e ambiente, etc. “Experiência”, “práxis”, “agência”, “agência das coisas” e “performance” são algumas categorias analíticas que também permitem repensar as tensões entre as coisas do mundo e o humano que é simultaneamente representação e materialidade. Admitindo-se que os limites entre as duas dimensões são abstratos e conceituais, evidencia-se a necessidade epistemológica de refletir sobre novas possibilidades de percepções do mundo, sem perder de vista a existência concreta dos homens, o que é peculiar a cada cultura e momento histórico em que essa existência ocorre. Como produto e produtora intencional das fricções e tensões geradas pelas reflexões e possibilidades de clivagens e rupturas nas concepções que se orientam pela divisão em pauta, esta comunicação coordenada pretende lançar provocações capazes de gerar questionamentos e releituras pertinentes aos diversos campos enfocados: cinema, literatura e produções digitais. Longe do intento de formular uma resposta definitiva e consensual sobre o tema e não obstante o caráter experimental e controverso de nossos trabalhos, o que se quer é revisitar os elementos em debate, através do diálogo entre diferentes apropriações de suas possibilidades como elementos próprios e promissores da formação das Ciências Humanas.

Resumo individual 1

Autora: Ana Lúcia Modesto

As abordagens interpretativas centradas na visão da arte como uma representação simbólica do mundo nem sempre são capazes de expor todas as transformações que a fotografia e o cinema provocaram na reprodução da realidade. Atualmente, a visão do cinema como representificação de pessoas e coisas e da recepção do filme como uma experiência de situações que seriam inacessíveis ao público de outra maneira aparece como um avanço teórico-metodológico capaz de captar com maior profundidade e abrangência os aspectos singulares da fotografia e do filme. Seguindo essa perspectiva, o trabalho proposto pretende apresentar uma análise sociológica do filme Janela indiscreta (Rear Window, Alfredo Hitchcock, EUA, 1954). Isso implica a realização de um estudo que tem como objeto não apenas a trama e os diálogos, mas também a obra cinematográfica e todos os recursos implicados em sua criação, além dos efeitos causados no espectador. Entendendo que o filme enfoca uma realidade familiar à sociologia – por exemplo, as relações sociais na metrópole –, a divisão entre público e privado, a violência doméstica, o indivíduo blasé e o cotidiano social* –, pretendo vivenciar as situações representificadas e observar as maneiras como o social é rearticulado nessa obra cinematográfica. O objetivo, ou melhor, o desafio é mostrar como o cinema permite que a realidade social seja repensada. Isso significa que, em lugar de uma interpretação sociológica da obra de ficção cinematográfica, o estudo do cinema pode se transformar numa estratégia de questionamento e de rearticulação de conceitos e teorias sobre o mundo social.

Resumo individual 2

Autor: Maria José Campos

O propósito desta comunicação é abordar o segredo como forma de representação particular cuja presença é implicitamente atestada por vias transversas. O termo segredo designa algo que foi separado e colocado à parte, para não ser acessado, tornando sua existência concreta dedutível e passível de ser conhecida no próprio jogo de ocultamento. A partir de uma abordagem sobre a estrutura dos segredos, tomados como fenômenos de metacomunicação, procura-se tratar de um dos

componentes fundamentais da configuração do campo dos segredos: seus fatores não controláveis e, por vezes, aparentemente irrepresentáveis. Em sentido figurado, eles operam como “secreções” fisiológicas, ou seja, manifestações indesejadas, que escapam e vazam durante os processos comunicativos, constituindo indícios que permitem detectar a presença de elementos escondidos. São esses detalhes indiciários que tornam perceptível a existência dos segredos, antes mesmo de qualquer possibilidade de revelação sobre seus conteúdos. Os sinais nos permitem inferir, constatar, verificar e investigar o sentido do oculto, do não explícito, dos subtendidos, dos interditos e das proibições que operam nos fenômenos comunicativos. São, por isso, fundamentais para acessar o conhecimento e tornar decifráveis e legíveis os limites do mundo social. Como caso exemplar para análise, considerou-se o conto de Machado de Assis “Teoria do Medalhão”, que ilustra de forma pedagógica o problema das “secreções” nos jogos da política brasileira.

Resumo individual 3

Autora: Regina Coeli Machado e Silva

Esta apresentação tem por objetivo continuar a interlocução inscrita no debate sobre a “produção da presença” e do sentido (representação e materialidade), por meio dos contos publicados nas três últimas coletâneas de Rubem Fonseca: Axilas e Outras Histórias Indecorosas (2011), Amálgama (2013) e Histórias Curtas (2015). O questionamento sobre os limites da humanidade e a problematização do significado da vida estão presentes nos contos citados em situações/eventos que envolvem a morte e diversos tipos de violência em relações interpessoais, expressas nos corpos, na subjetividade e na sexualidade. A tensão confrontada na experiência estética da narrativa fonsequiana entre representação e materialidade será apreendida: a) como parte da atividade intelectual de significar o mundo (apelos cognitivos e/ou “guias de compreensão”) diante do problema de inteligibilidade que ameaça a vida, as relações interpessoais, o corpo, a sexualidade e a pessoa; e b) no próprio ato de leitura, fazendo de nós coparticipantes da apropriação do mundo, como seres relacionais. Uma vez que essa tentativa de significar o mundo – de resolver contradições e de expor a vacuidade e a ambiguidade geradas pela defasagem entre significado e significante e entre sistemas simbólicos – nem sempre é bem-sucedida, deseja-se evidenciar a experiência estética da leitura desses contos também como “produção da presença”: um efeito de tangibilidade que emerge da materialidade dessa comunicação específica no tempo e no espaço da leitura. Desse modo, a proximidade inquietante com a fragilidade da vida é parte de um diálogo que, fora dos contos, deles fazem parte: a sacralidade da vida.

Resumo individual 4

Autores: Maria Bernadete de Carvalho e Cristina Petersen Cypriano

Se por um lado, multiplicam-se hoje os recursos de expressão, comunicação e informação, por outro, cresce a frequência com que se apresentam na clínica psicanalítica sujeitos para quem a via da representação não opera como forma de elaboração de suas vivências e nem como meio de regulação do corpo. A hipótese em investigação na comunidade psicanalítica é de que, nesses casos, não houve captura do sujeito pelo simbólico de modo a possibilitar uma satisfação pulsional por suas vias. Parece propagar-se uma relação com a linguagem que é de exterioridade, na medida em que o sujeito não a utiliza como meio de representação do que ele experimenta em sua relação com o mundo. No lugar da representação, emerge, mediando as relações dos sujeitos com os outros e consigo mesmos, um trabalho com a imagem. Enquanto, mesmo que imperfeitamente, a elaboração simbólica permite retirar do corpo os conflitos e tensões do sujeito, no caso do uso das imagens há, ao contrário, um retorno ao corpo como campo de trabalho dessas tensões. O fracasso desse trabalho com a imagem resulta em sintomas como as anorexias, as compulsões, as passagens ao ato autodestrutivas e outros. Tendo em vista esses parâmetros, propõe-se a análise do projeto “semicolon” (em português, significa “ponto e vírgula”), veiculado pela internet, e que oferece ao internauta a oportunidade de registrar e compartilhar, em rede, a imagem de um signo linguístico, o ponto e vírgula, tatuado, ou, de alguma forma escrito no corpo. Essa inscrição e sua difusão comprometeriam os sujeitos a inserir um intervalo entre o impulso e o ato autodestrutivo. No “semicolon” conjugam-se sujeito, linguagem, corpo, imagem e um outro anônimo, cuja estrutura de relações pretende-se apreender.

Sessão: CC_02G	
Horário: 06/10/2016 das 14h00 às 16h30	
Local: Sala 4108 da Faculdade de Ciências Econômicas (FACE)	
Título da comunicação coordenada (submissão 34)	
A canção brasileira nos anos 1920 a 1940: identidade nacional, malandragem, trabalho e II Guerra Mundial	
Eixo temático: Materialidades e representações	
Participantes	Afiliação
Nísio Antônio Teixeira Ferreira (Coordenador)	Universidade Federal de Minas Gerais
Professor do Departamento de Comunicação Social da UFMG, coordenador do projeto de Extensão Aqui e Outrora/UFMG, integrante do GrisSOM e também do grupo U-40 Fórum para a Convenção da Diversidade Cultural/Unesco.	
Manuel Mateus Marçal	
Professora titular de Filologia Românica da Fale/UFMG. Mestre em Linguística pela UFMG, Doutora em Linguística Histórica pelo IEL/Unicamp. Realizou Pós-doutorado na Université Stendahl, Grenoble, França nas áreas de dialetologia e Linguística Histórica.	
Aniele Caroline Ávila Madacki	
Ex-bolsista do Programa Jovens Talentos para a Ciência- CAPES no grupo GrisSOM/UFMG, é jornalista formada pela UFMG.	
Resumo Geral	
No âmbito das materialidades e representações, abordaremos o início da implantação do rádio no Brasil e o papel do samba nesse momento incipiente da indústria cultural brasileira. Faremos um recorte em torno do debate gerado pela enquete “O que é o rádio: Fator de educação ou diversão?” publicadas na seção PR1 Fon Fon, organizada por Alziro Zarur entre outubro de 1938 e dezembro 1939 para a revista Fon Fon. Deste questionário de dez perguntas, destacaremos duas em torno do samba com o objetivo de permitir maior divulgação deste material e da discussão entre samba e identidade nacional. A temática reaparece também em trabalho em torno das representações geradas por sambas produzidos e gravados durante o período de exceção, com o intuito de debater como o Estado Novo, sobretudo através do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), incentivou a produção de um novo tipo, o “samba regenerado”, que abordam a malandragem e o trabalho. Por fim, faremos também uma análise panorâmica de 70 canções, entre marchinhas, sambas e baladas produzidas por ocasião do ingresso do Brasil na Segunda Guerra Mundial para verificar a maneira como o conflito foi representado no cancionário por canções ufanistas; patrióticas; que demonstram esforço de guerra dos soldados; crônicas urbanas da guerra e caricaturas sonoras dos líderes de países do Eixo, dentre outros aspectos.	
Resumo individual 1	
Autor: Manuel Mateus Marçal	
O presente trabalho sintetiza as respostas para as perguntas três e seis da enquete “O que é o rádio: Fator de educação ou diversão?” publicadas na seção PR1 Fon Fon, organizada por Alziro Zarur entre outubro de 1938 e dezembro 1939 para a revista Fon Fon. Trata-se de um questionário de dez perguntas sobre o universo radiofônico publicado semanalmente com a opinião e resposta de personalidades, artistas e intelectuais da época: 1º) Que é o rádio factor de educação ou diversão? 2º) Que conceito faz do "broadcasting" brasileiro? 3º) Que pensa do Samba como expressão da nossa música popular? 4º) como encara os anuncios radiophonicos? 5º) Que acha dos nossos speakers? 6º) Qual a sua opinião sobre as letras das composições populares? 7º) Temos programmas que recommendem a nossa radiophonia? 8º)Que é que falta no "broadcasting" nacional? 9º) Qual a utilidade principal do rádio? 10º) qual a orientação que deve ter o "broadcasting": comercial, como nos Estados Unidos, ou official, como na Italia?. Após prévias considerações gerais em torno da publicação e da enquete, destacaremos as perguntas 3º e 6º em torno do samba com o objetivo de contribuir à proficua discussão entre samba e identidade nacional, bem como também a canção, o samba e seu papel na então incipiente indústria cultural brasileira, notadamente o rádio.	

Resumo individual 2

Autora: Aniele Caroline Ávila Madacki

O presente trabalho investiga como o governo ditatorial de Getúlio Vargas, durante o regime do Estado Novo, interferiu em manifestações intelectuais, artísticas, culturais, principalmente, na música, de forma a difundir determinados valores e a moldar a identidade nacional. Nesse sentido, encorajou-se a produção não apenas de sambas de temática apologética, mas também de um novo tipo de samba, o “samba regenerado”, em que o malandro deixa a vida boêmia para aderir ao trabalho e ao produtivismo exaltados pelo governo de Getúlio Vargas: os sambistas deveriam incentivar o trabalho, a vida recatada, os valores ligados à família, à Pátria, à ordem. Assim, para o presente trabalho a ser apresentado abordaremos este tipo de canção, o “samba regenerado”: vamos analisar nove sambas produzidos e gravados a partir da implantação da ditadura do Estado Novo, por Getúlio Vargas. Visando o intuito de debater este aspecto do Estado Novo, sobretudo através do seu Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), apontaremos que, precisamente, apesar desse “incentivo”, pode-se inferir que tais “sambas regenerados” manifestavam uma adesão apenas superficial aos valores varguistas. Apesar dessa intervenção, o malandro brasileiro, tão presente no imaginário coletivo nacional, não deixou de se expressar e de existir em nossa cultura.

Resumo individual 3

Autor: Nísio Antônio Teixeira Ferreira

As canções ajudam a compreender diversas conjunturas sociais e sua incorporação como material de pesquisa tem sido cada vez mais comum em função de seu reconhecimento como “documento histórico” e “narrativa testemunhal”, não só quando o texto cultural presente na música for portador de um registro que pode ter sido impedido de acontecer em narrativas como a literária, a historiográfica ou mesmo a jornalística, mas, acima de tudo, como representação de um aspecto individual ou coletivo de uma sociedade. No ano de 1942, após anos de indefinição do governo do Estado Novo Varguista, o Brasil entra oficialmente no conflito contra o Eixo, enviando suas tropas para a frente de batalha em 1944 e aí se tem início uma série de produções do cancioneiro nacional em torno desse ingresso e desse conflito. Assim, a partir da análise de cerca de 70 canções produzidas à época, entre os anos de 1938 e 1947 - mas especialmente entre 1942 e 1945 - podemos abordar a maneira como o conflito foi representado no cancioneiro como canções ufanistas e patrióticas passando por aquelas que fazem uma espécie de apresentação do Brasil ao mundo, bem como o esforço de guerra dos soldados, crônicas urbanas da guerra até chegar a verdadeiras caricaturas sonoras dos líderes de países do Eixo.